

Acontecimentos agenciados em rede Os eventos do Facebook no dispositivo protesto¹

Geane Alzamora²
Tacyana Arce
Raquel Utsch

Entre as ruas e o Facebook

As manifestações que se alastraram pelas ruas do Brasil em junho de 2013, motivadas inicialmente pela ação truculenta da polícia nos protestos contários ao aumento da passagem urbana em São Paulo, caracterizaram-se pela multiplicidade de pautas evidenciadas em improvisados cartazes, críticas à imprensa e aos partidos políticos, assim como recusa à representação típica dos movimentos sociais tradicionais. Destaca-se, em nossa abordagem, o fato de se processarem na interface porosa entre ruas e mídias sociais. Os eventos criados no Facebook, foco de nosso estudo, cumpriram a função de agenciar³ coletivamente as

¹ As autoras agradecem aos pesquisadores do CCNM Carlos D'Andrea e João Marcos Veiga pelas colaborações apresentadas ao texto.

² Agradeço ao CNPq, Fapemig e PRPQ/UFMG por financiamentos de pesquisas em andamento que fundamentam parte das discussões esboçadas neste artigo.

³ Toma-se aqui a noção de agenciamento proposto por Deleuze e Guattari (1995), segundo a qual agenciar remete à multiplicidade

manifestações, uma vez que não havia liderança legitimada pelos manifestantes. Não se pode dizer, contudo, que os eventos do Facebook *determinam* as manifestações, mas que estas se constituíram no *movimento* das conexões *on e offline* que as atravessaram.

Assume-se aqui a perspectiva de que os protestos brasileiros de junho de 2013 configuraram espécies de acontecimentos em rede que mantinham uma face nas mídias sociais — como o Facebook — e outra nas ruas, não sendo redutíveis a quaisquer dessas instâncias. Tais acontecimentos são regidos pela lógica das conexões (KASTRUP, 2004), que integram dispositivos *on e offline* em uma dinâmica socio-comunicacional profundamente marcada pelos processos contemporâneos de *mediatização*.⁴

Parte-se da noção foucaultiana de dispositivo por ser esta um conceito que nos permite identificar linhas de força e de fissura que conformam curvas de visibilidade e de enunciação na configuração reticular dos protestos. Esses aspectos, em nossa opinião, ajudam a compreender a heterogeneidade e a fluidez que marcaram as manifestações brasileiras de junho de 2013.

Segundo Agamben (2005) o conceito foucaultiano de dispositivo tem sempre uma função estratégica e se inscreve em uma relação de poder, sendo caracterizado por um conjunto heterogêneo que inclui qualquer coisa. Ele explica que o dispositivo é, em si, a rede que se estabelece entre esses elementos. Para Deleuze (1990) o dispositivo é antes

de processos, individuais e coletivos, que compõem rede de relações sociais, técnicas e de enunciação. Trata-se, portanto, de diferentes relações, de naturezas variadas, entre entidades distintas.

⁴ A *mediatização* implica em virtualização das interações sociais, na medida em que a mídia permeia, de modo cada vez mais imperativo, as rotinas de variadas instituições sociais, tais como família, política, trabalho e religião. Sobre o assunto ver Hjarvard (2012).

de tudo um conjunto multilinear de linhas de diferentes naturezas, que articuladas entre si compõem as instâncias foucaultianas de saber, poder e subjetividade. O modo como cada dispositivo se propaga conforma curvas de visibilidade e de enunciação por meio das quais o dispositivo revela sua função estratégica. Relacionadas à subjetivação, as linhas de fuga, ou de fissura, reconfiguram as relações de saber e poder no dispositivo, enquanto as linhas de força sedimentam tais relações.

Os protestos são aqui compreendidos como dispositivo composto por linhas heterogêneas, que podem se relacionar tanto à configuração midiática, das quais o Facebook é exemplo, quanto à conformação sociocultural e política das ruas. Ruas e mídias constituem, assim, uma mesma rede na qual as manifestações se teceram. As linhas de fuga desestabilizam, nesse dispositivo, certas linhas de força relacionadas às dimensões institucionais, política, social e cultural, reconfigurando as relações de poder e saber instituídas socialmente. Por causa disso, recusam tanto as linhas de força que sedimentam os partidos políticos quanto aquelas que sustentam as corporações de mídia, assim como desafiam os movimentos sociais tradicionais e as formas institucionalizadas de liderança.⁵

A contradição é que, ao recusar corporações hegemônicas de mídia, provenientes da lógica de transmissão, os manifestantes empoderam corporações midiáticas típicas

⁵ Tal como evidenciado por Agamben (2005), o dispositivo tem sempre um lastro histórico. Nessa perspectiva, é preciso lembrar que o *dispositivo protesto* guarda referência em outros contextos históricos, como o movimento zapatista (México, anos 1990) e a Primavera Árabe (Oriente Médio e Norte da África, 2010), por exemplo. Tais referências, contudo, não devem ser entendidas como as origens dos protestos brasileiros, mas como linhas que o atravessam, conformando sua genealogia.

da lógica do compartilhamento, como é o caso do Facebook. E, ao fazê-lo, se inserem em dinâmica midiática que, embora regida por outra lógica sociocomunicacional, lida com os pressupostos institucionais, econômicos e políticos que permeiam as mídias de massa. As corporações de mídia que emergem da lógica de compartilhamento tendem a se tornar igualmente hegemônicas à medida que mais poder acumulam mediante o uso social de sua tecnologia comunicacional. Essa é a dinâmica do dispositivo, que transforma linhas de fissura em linhas de força sem que o dispositivo seja necessariamente profanado (AGAMBEN, 2005).⁶

A dinâmica sociocomunicacional do *dispositivo protesto* relaciona-se ao uso concomitante de múltiplas plataformas midiáticas para registrar, armazenar e colocar em circulação relatos circunstanciais das manifestações. Tal dinâmica revela, em curvas de visibilidade e de enunciação, a heterogeneidade das linhas que o atravessam. Por causa disso as manifestações brasileiras de junho de 2013 não podem ser rigorosamente compreendidas como formas de resistência⁷ a uma situação específica, pois dizem respeito a certa insatisfação difusa na sociedade.

A lógica de rede do Facebook, baseada na articulação de postagens entre amigos e amigos de amigos em regime temporal diferido (WEISBERG, 2004), permeia a lógica de rede do *dispositivo protesto* enfatizando: a) convergência entre mídias sociais e tradicionais, relacionada à noção

⁶ De acordo com Agamben (2005), a profanação do dispositivo, relacionada à restituição ao uso comum daquilo que capturado e separado de si pelo dispositivo, é cada vez mais urgente face à proliferação de dispositivos midiáticos, como celulares, que seriam marcados pela dessubjetivação.

⁷ De acordo com Foucault (2004), se não há resistência não há relação de poder, sendo o efeito da resistência a mudança nas relações de poder.

de cultura da convergência (JENKINS, 2008); b) acesso e compartilhamento de informações socialmente produzidas, relacionada à noção de *mass self-communication* (CASTELLS, 2010); c) reprodução de informações em outros contextos midiáticos, reconfigurando-lhes os sentidos, conforme a noção de remix (MANOVICH, 2005).

Observa-se, por exemplo, que muitas das reivindicações observáveis nos cartazes foram tematizadas pelas mídias de massa e que estas se empenharam em realizar intensa cobertura dos protestos,⁸ embora enquadramentos jornalísticos das manifestações tenham sido recorrentemente criticados.⁹ Por outro lado, informações socialmente produzidas tornaram-se referenciais para as coberturas noticiosas, assim como constituíram modo preferencial entre os manifestantes de se informarem sobre os protestos.¹⁰

De modo geral, informações produzidas individual ou coletivamente, que circularam amplamente em mídias sociais, alcançaram grande visibilidade constituindo o que Castells (2010) chama de *mass self communication*, forma de comunicação produzida de forma individual, mas consumida em larga escala nas conexões de mídias digitais. Por conta disso pautaram as mídias hegemônicas, ao passo que as estas também pautaram parte das reivindicações expostas nos cartazes. Esse entrelaçamento entre lógica de transmissão (vertical) e de compartilhamento (horizontal) conforma o que Jenkins (2008) chama de cultura da convergência,

⁸ A TV Globo, por exemplo, deixou de exibir duas telenovelas no dia 20 de junho para cobrir, em tempo integral, os protestos que se espalharam pelo país.

⁹ Ver, por exemplo, vídeo "Globo desmascarada", postado no YouTube (<http://youtu.be/xo9MTyRaKB8>).

¹⁰ <<http://is.gd/NjUIOL>>.

processo de integração midiática que, na opinião dele, é mais cultural e cognitivo que tecnológico.

Ruas e Facebook, como dispositivos acoplados entre si, tornaram-se não apenas mais potentes como também mais singulares na medida em que configuram uma espécie de hiperdispositivo (CARLON, 2010)¹¹, cujo efeito *blow up* interferiu no curso dos acontecimentos. Assim, características sociocomunicacionais do Facebook, como as atividades de postar, curtir, compartilhar e aderir aos eventos, contribuíram para expandir a visibilidade reticular dos acontecimentos¹² que permearam o *dispositivo protesto*, sejam estes relacionados a testemunhos de manifestantes nas ruas ou a relatos jornalísticos que circularam em conexões de mídias digitais.

Os eventos do Facebook no *dispositivo protesto*

De acordo com Deleuze e Guattari (2004), o acontecimento não é um estado de coisas. Pelo contrário, não começa nem acaba, guarda o movimento infinito que lhe dá consistência. “O acontecimento é imaterial, incorporeal, invivível: a pura reserva” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 202). Trata-se, conforme os autores, de um “entre-tempo”,

¹¹ De acordo com Carlon (2010), o hiperdispositivo realiza uma espécie de efeito *blow up* que potencializa a mensagem, na medida em que um dispositivo expande o outro ao qual se acopla. Ele explica que a maximização da visibilidade midiática, gerada pelo efeito *blow up*, intervém no curso dos acontecimentos, uma vez que os meios constroem a realidade que buscam refletir. Essa perspectiva coaduna com a nossa, embora não derive da abordagem foucaultiana que fundamenta nossa discussão.

¹² Não se distingue aqui os acontecimentos de seus relatos, já que os relatos expandem os acontecimentos tornando-se parte deles e, não raro, conforme a visibilidade midiática que os relatos alcançam, de-Flagram desdobramentos significativos no curso dos acontecimentos.

o devir. “Todos os entre-tempos se superpõem, enquanto os tempos se sucedem. Em cada acontecimento há muitos componentes heterogêneos, sempre simultâneos, que já são, cada um, um entre-tempo [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 204).

Com base nessa perspectiva, entendemos os acontecimentos que permearam o *dispositivo protesto* como espécies de entre-tempos que revelavam, como linhas do dispositivo, a heterogeneidade simultânea de seus componentes. Modelados pela temporalidade circunstancial das ruas em dinâmica reticular com a temporalidade diferida das mídias sociais, os acontecimentos que permearam o *dispositivo protesto* se conformaram em rede *on* e *offline*. Eventos do Facebook expandiam a durabilidade desses acontecimentos, na medida em que se antecipavam a eles, agenciando-os, e os faziam perdurar em conexões de mídias digitais. As ruas, por sua vez, lhes ampliavam os sentidos, interferindo no curso reticular dos acontecimentos agenciados pelos eventos do Facebook.

De acordo com Santos (2009), a palavra “evento” é utilizada em múltiplos sentidos. Ele considera o evento como veículo de algumas possibilidades que permeiam o mundo, sendo o lugar o depositário final, obrigatório do evento. Na opinião de Santos (2009), o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, uma espécie de matriz do tempo e do espaço, caracterizando-se sempre pelo tempo presente. “Quando falamos de um evento futuro, é de uma suposição que estamos falando, a suposição de que se realizará num presente futuro” (SANTOS, 2009, p. 145).

É com base nessas concepções que se erige nossa análise de três eventos convocados pelo Facebook para o dia 26 de junho, quando Belo Horizonte sediaria o jogo Brasil X Uruguai, pela semifinal da Copa das Confederações 2013. Os

eventos “5º Grande Ato – Assembleia Popular Horizontal, #VemPraRuabH e O Gigante Vai Abraçar o Mineirão” são reveladores de como as opções curtir, compartilhar, comentar e participar interferiram na configuração reticular dos acontecimentos que permearam o *dispositivo protesto*.

Diferente de análises que buscam observar como um acontecimento tem como natureza o próprio ambiente da cultura digital (HENN, 2011, 2013)¹³ ou ganha novas camadas a partir da mobilização das redes sociais (ZAGO, 2013), toma-se o acontecimento em rede como aquele que se engendra em conexões *on* e *offline*. Observando os acontecimentos não como “matérias de fato”, mas como “matérias de interesse” (LATOUR, 1987) – ou seja, não como dados de realidade, mas como decorrentes da movimentação de actantes¹⁴ em torno de uma determinada questão – propõe-se que eles não são resultantes dessas conexões, mas o próprio movimento de conectar-se. Movimento que, no caso das manifestações de junho, envolve necessariamente conexão mídias sociais/rua.

Para a perspectiva do acontecimento em rede aqui defendida, importa a observação dos movimentos, da conformação dos grupos, buscando a riqueza e a sutileza

¹³ Henn (2011) refere-se ao acontecimento em rede como aquele que já contém a textura da rede. “Entende-se que há uma gama de acontecimentos que têm a sua força de agendamento vinculada às novas formas de produção e consumo do noticiário” (p. 86). Adota também o termo ciberacontecimento ao postular “a existência de outras modalidades de acontecer que já tem como natureza o próprio ambiente da cultura digital nas suas diversas acepções (LEVY, 1999; CASTELLS, 1999, 2003; LEMOS, 2002; FELINTO, 2005). Acontecimentos que se instituem através de outras dinâmicas de semiose e com potencial produção de crises nas fronteiras semióticas: são os ciberacontecimentos” (HENN, 2013, p. 7).

¹⁴ Latour (1987) utiliza o termo “actante”, proveniente da semiótica greimasiana, para designar a ação de humanos e não humanos na conformação da rede sociotécnica.

do processo. Por isso mesmo, essa perspectiva impõe um desafio metodológico, que é a sua estabilização. Em que momento observá-lo? No momento em que ele “irrompe a superfície lisa da história” (RODRIGUES, 1997)? Mas nesse caso, a experiência seria eclipsada, ignorando que é justamente ela que confere ao acontecimento um “sentido discriminatório”, um “poder de esclarecimento” que revela os meandros do campo problemático em que o acontecimento se constitui (QUERÉ, 2005).

Tomemos como exemplo as manifestações do dia 26 de junho de 2013, em Belo Horizonte, que, segundo estimativas da Polícia Militar, divulgadas na imprensa, reuniram cerca de 50 mil pessoas em passeata que partiu da Praça Sete em direção ao Mineirão, pela Avenida Antônio Carlos. No Facebook, três eventos convocaram adesão ao movimento, que terminou com saldo de 25 detidos, 24 feridos e um morto (o jovem Douglas Henrique de Oliveira Souza, metalúrgico de 21 anos, que não resistiu ao traumatismo craniano provocado pela queda do Viaduto José Alencar).

Além da morte – logo destacada pela imprensa, afinal era a primeira vítima dos levantes na capital mineira – outros critérios de excepcionalidade conformaram esse acontecimento: a manifestação foi marcada para coincidir com uma das semifinais da Copa das Confederações, o jogo Brasil e Uruguai, no Mineirão; seria a primeira manifestação após a primeira reunião entre participantes e governo do Estado; a manifestação terminou com saldo de pelo menos dez concessionárias completamente danificadas. Essas imagens foram prontamente compartilhadas na internet e, em um segundo momento, dividiram as atenções com o compartilhamento do vídeo contendo a imagem do momento exato da queda de Douglas.¹⁵

¹⁵ <<http://youtu.be/PxU0hcfOqjs>>

Esses acontecimentos são aqui observados pelo prisma de três eventos que incitaram as pessoas a estarem nas ruas naquele dia. Deve-se enfatizar que o Facebook agencia, mas não define o acontecimento, uma vez que este eclode no Facebook como sintoma de uma insatisfação que não é gestada no Facebook, mas na experiência cotidiana da cidade. Assim, propomos tomar os três eventos como instâncias mediadoras¹⁶ que agenciavam várias faces desses acontecimentos. Para começar, a marcha não ocorre em função de um ou outro convite. Dificilmente um manifestante nomearia o evento específico que o instou a estar lá. Os três eventos aqui analisados — e outros que eventualmente tenham sido convocados pelo Facebook com perspectiva semelhante — conformam a rede que mantém uma face no Facebook e outra nas ruas. Isso não equivale a dizer que são três eventos de um mesmo acontecimento. Ainda que de forma panorâmica, em virtude da limitação de ferramentas para pesquisar o Facebook, a observação das páginas desses eventos ora aponta para um mesmo acontecimento, ora para acontecimentos variados, ou mesmo para um *não acontecimento*, como se verá a seguir.

Sobre os eventos

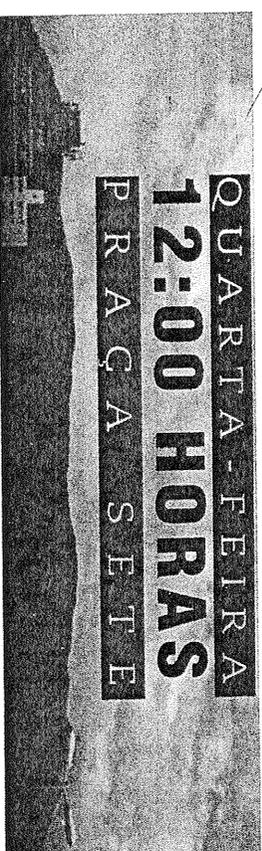
O “5º Grande Ato – Assembleia Popular Horizontal”¹⁷ teve 204.137 convidados, dos quais 16.500

¹⁶ Baseia-se aqui na noção de espiral de mediações proposta por Gómez (2006), segundo a qual a espiral extrapola os limites de cada especificidade mediadora que a integra. Privilegia-se, nessa perspectiva, o critério transversal de segmentação midiática. “Estou entendendo as mediações como processos estruturantes que provêm de várias fontes, incidindo sobre os processos de comunicação e formando as interações comunicativas dos atores sociais” (GÓMEZ, 2005, p. 88).

¹⁷ <<https://www.facebook.com/events/526514590729635/>>.

confirmaram participação e 4.063 associaram-se apontando o “Talvez”.¹⁸

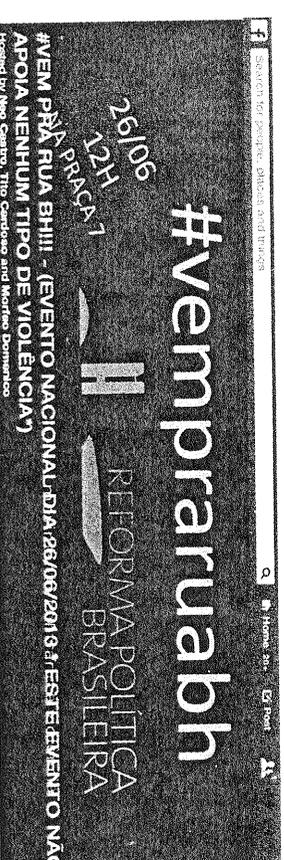
Figura 1 - Capa de “5º Grande Ato | Assembleia Popular Horizontal”



5º Grande Ato | Assembleia Popular BH
 Público: De Assembleia Popular Horizontal :: Belo Horizonte e COPAC - Comitê dos Atingidos pela Copa
 Fonte: <<https://is.gd/zEEEMl>>.

O “#VemPraRuaBH”¹⁹ arregimentou 578.161 convidados, dos quais 58.448 confirmaram presença e 13.884 acenaram com um “Talvez”.

Figura 2 - Capa de “#VemPraRuaBH”



Fonte: <<http://is.gd/peTJfL>>.

¹⁸ É relevante apontar quem marca “Talvez” porque é uma opção que permite ao internauta não demonstrar adesão ao evento ou conivência às ideias por ele defendidas, mas ter permissão para acompanhar a discussão, comentar postagens e publicar, integrando dessa maneira a rede que se forma em torno do evento.

¹⁹ <<https://www.facebook.com/events/472305839523651/?pref=14>>.

E o “O Gigante vai Abraçar o Mineirão”,²⁰ com 5.195 convidados, teve 424 adesões e 144 “Talvez”.

Figura 3 – Capa de “O gigante vai abraçar o Mineirão”



O GIGANTE VAI ABRAÇAR O MINEIRÃO

Publicado por De Novo Povo Brasileiro

Fonte: <<http://is.gd/6BYTCI>>

Mesmo não sendo o evento com maior número de participantes, o “5º Grande Ato” assume claramente uma centralidade articuladora. É a ele que manifestantes recorrem para saber aspectos operacionais da marcha: onde devem se concentrar, o que devem levar, como devem agir. Desde a sua criação, o próprio evento se preocupa com essas questões, indicando de imediato local de concentração, publicando instruções para garantir a segurança dos manifestantes, dicas de como reagir à abordagem policial e também como filmar, fotografar e partilhar as impressões sobre a marcha. Além disso, convocou os internautas a estar na rede, liberando acessos à rede Wi-Fi no trajeto da manifestação, o que permitiria as postagens em tempo real. Os outros dois eventos sequer apontam de imediato horário e local de concentração.

Mas outros fatores devem ser apontados na construção dessa centralidade. O evento foi criado em 18 de

²⁰ <<https://www.facebook.com/events/206154399537703/>>.

junho de 2013, concomitantemente ao surgimento da página Assembleia Popular Horizontal, que o hospedada. Por sua vez, a própria Assembleia surge do movimento de articulação de manifestantes envolvidos nos protestos anteriores. Em sua página no Facebook, assim se define:

A Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte não é uma convocação para manifesto, mas para um fórum de diálogo horizontal e autônomo para formulação de pautas e propostas para próximas mobilizações. Em tempo, vale destacar que a Assembleia não se apresenta para ter a agenda “oficial” de BH, longe disso. A ideia é criar um espaço comum a todos os mobilizados na web e na rua. Um espaço comum para organizados e independentes.²¹

Apesar de recusar o caráter organizador, a página convocou outro evento para o dia anterior à marcha, no qual haveria confecção coletiva de cartazes e materiais a serem levados às ruas. Além disso, só mudou o nome do evento aqui analisado para “5º Grande Ato” dois dias depois da própria ocorrência das manifestações, ao mesmo tempo em que criava o “6º Grande Ato (#OcupaCamaraBH)”. Com a adoção do mesmo nome para eventos subsequentes (o último foi o 8º, em 11 de julho de 2013),²² eles passaram a ser vistos como referência obrigatória para as manifestações.

Se há um caráter referente para o *estar na rua*, o mesmo não se pode dizer sobre o *porquê* de participar das manifestações. Não é fácil apreender o que orienta a discussão entre os participantes do “5º Grande Ato”.

²¹ <<https://www.facebook.com/AssembleiaPopularBH/>>.

²² <<https://www.facebook.com/events/211324639018769/>>.

Como se verá adiante, enquanto o “#VemPraRuabH” se esforça para ser um evento em favor da reforma política, mesma bandeira abraçada, ainda que sem muita convicção, pelo “O Gigante vai Abraçar o Mineirão”, o “5º Grande Ato” se assemelha mais à forma peculiar das manifestações: horizontal, multifocal, sem proposição temática definida, sem proposta comum a ser defendida. Certamente as questões urbanas, valorização e defesa do transporte público, questionamento aos custos da Copa e a relação entre poder público e FIFA, reivindicação de recursos para políticas públicas e bandeiras políticas, como a derrubada da PEC 37, ganham espaço nos *posts*, numa profusão de demandas tão diversas quanto as que ganharam as ruas nos cartazes. Mas não é possível apontar um mote único para o evento.

Se não há uma unicidade temática, verifica-se certo padrão na forma, bastante jovial e jocosa, de se pronunciar em rede. Nota-se, por exemplo, aspectos nitidamente relacionados à cultura remix (MANOVICH, 2005), como elaboração de cartazes baseados na combinação de registros compartilhados em rede.²³ Os memes estão por toda parte. Os materiais mais curtidos costumam ser sarcásticos em sua abordagem, a exemplo deste *post*:

Figura 4 – *Post* em “5º Grande Ato” é exemplo do tipo de publicação mais curtida nos eventos



Fonte: <<http://migre.me/iSVEw>>.

O evento “#VemPraRuabH” é gerido por três perfis aparentemente falsos:²⁴ Neo Castro, Tito Cardoso e

²³ Scolari (2008) chama de hipermediação à trama contemporânea de renúncias, hibridações e contaminações no ecossistema midiático. Trata-se, segundo ele, de “processos de intercâmbio, produção e consumo simbólico que se desenvolvem em entorno caracterizado por uma grande quantidade de sujeitos, meios e linguagens interconectados tecnologicamente de maneira reticular” (SCOLARI, 2008, p. 113, tradução nossa).

²⁴ Algumas características costumam ser comuns a perfis falsos: todas as informações são públicas, os álbuns contêm imagens sugestivas que atraem a atenção do internauta, em casos de perfis criados com intenção deliberada de promover determinado tema, as postagens costumam girar apenas em torno desse universo. Todos os perfis em questão apresentam algum desses elementos: O mais flagrante é o perfil Morfeo Domenico. Criado no mesmo dia de criação do evento “#VemPraRuabH” não tem movimentação após o dia 21 de junho de 2013. Usa como foto de perfil a imagem de Morphheus, personagem fictício interpretado por Laurence Fishburne na série de ficção científica *Matrix*. Tito Cardoso usa como foto de perfil a imagem de Syd Barrett, um dos fundadores da banda Pink Floyd. Usuário assíduo do Facebook, ora posta imagens de jogos digitais, animês e mangá, ora posta questionamentos políticos. É raro que tenha interação em suas postagens, embora tenha um grande número de amigos, todos adolescentes. Neo Castro, embora tenha todas as suas informações públicas, o que não costuma ser comum entre usuários do Facebook, é o que aparenta ter movimentação mais consistente. Mas chama atenção o fato de que o perfil, estando ativo desde 2011, tenha movimentação apenas a partir de junho de 2013.

Morfeo Domenico (este último criado no mesmo dia da postagem do evento). A imagem de capa exibe em grandes letras amarelas a *hashtag* #VemPraRuabH, escrita sobre um desenho que explora as linhas do Congresso Nacional. A imagem apresenta ainda o mote do evento, “Reforma política brasileira”, também escrito em tons que vão do amarelo ao verde. E faz também uma referência ao modo de se manifestar: “movimento contrário a [sic] violência”. A movimentação em torno do evento foi expressiva: 578.161 pessoas foram convidadas, das quais 58.448 confirmaram presença e 13.884 acenaram com um “Talvez”.

O evento continuou recebendo comentários e postagens pelo menos até 19 de julho.²⁵ A maior parte das postagens feitas durante o mês de julho provém de um perfil também aparentemente *fake*:²⁶ Andressa Reis. Esse perfil tenta manter a discussão em torno do tema proposto, a reforma política, fazendo postagens sobre o assunto ou inserindo a discussão em comentários mesmo em *posts* cujos temas não estão diretamente relacionados à reforma política. À exceção das postagens e comentários de Andressa Reis,²⁷ são poucas as manifestações acerca do assunto, especialmente entre os dias 26 e 28 de junho, período de maior movimentação no evento, evidenciando um acontecimento que recusa programação.

Durante esse período, é o compartilhamento de registros e impressões acerca das manifestações nas ruas que dá

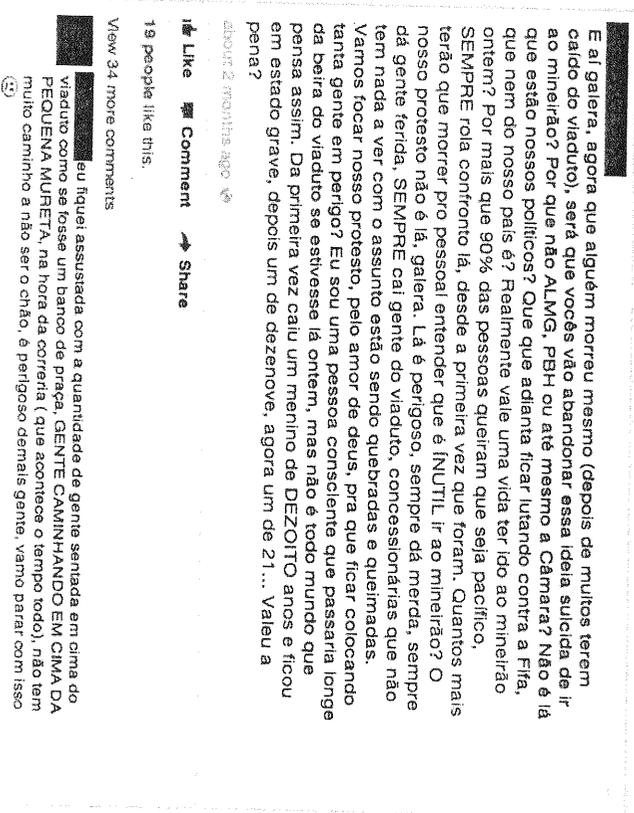
²⁵ Último dia em que se acompanhou o evento para fins de produção deste artigo.

²⁶ O perfil de Andressa Reis tem as mesmas características identificadas nos demais perfis aparentemente falsos. Além disso, uma busca por sua imagem no Google Images associa a foto de perfil a eventos em diferentes estados brasileiros.

²⁷ Dos 50 posts mais recentes da página, 36 são de Andressa Reis. Entre os demais, apenas um menciona a reforma política.

o tom das discussões, especialmente após a confirmação da morte de Douglas. Percebe-se certa analogia com a produção jornalística noticiosa, tais como os critérios de noticiabilidade²⁸ *falha e inversão*, que parecem orientar as postagens. Mais do que a morte em si, as postagens centram-se na discussão acerca da arquitetura do viaduto e na validade de se marchar em direção ao Mineirão em dia de jogo da Copa das Confederações, sabendo que o aparato policial tinha ordens de manter preservado o perímetro FIFA, como ilustra o *post* a seguir:

Figura 5 – *Post* em “#VemPraRuabH” questiona decisão de marchar até o Mineirão



Fonte: <<http://imgre.me/iSUxj>>

²⁸ Segundo Traquina (2005, p. 63), “podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”.

Falha e inversão

Se os internautas praticamente ignoram a discussão acerca da reforma política que motivou a criação do evento, o mesmo não se pode dizer da proposição de “recusa à violência”, também explicitada na sua imagem de capa.

Postagens, comentários e, sobretudo, compartilhamento de links de portais de notícia vão conformando o discurso também verificado na mídia massiva: o de que vândalos estariam se “aproveitando” do movimento de pessoas de bem, desvirtuando as manifestações. Postagens dessa forma também apareceram no “5º Grande Ato”, mas lá foram prontamente debatidas, com argumentos que apontam como esse tipo de discurso leva a conformismo e apaziguamento. No “#VemPraRuabH” a separação entre vândalos e manifestantes é dada como certa e o vandalismo é tido como elemento deslegitimador das manifestações, como se verifica neste *post*:

Figura 6 – *Post* em “#VemPraRuabH” aponta vandalismo como elemento deslegitimador das manifestações

Sempre acreditei no poder de Minas... No jeito mineiro de ser...mas ontem fiquei com vergonha de ser mineiro e de ser belo horizontal... como uma passeata que vem com o objetivo de paz para mudar um país virar uma campo de guerra.
Somos responsáveis sim pelo que ocorreu... mesmo não sendo a minha mão que jogou pedras e colocou o fogo ou criou a desordem... Mas sinto responsável por ser a favor destas passeatas... no qual todos sabiam que acabaria em pancadaria. Que Deus nos perdoe... pois não quero mudar o Brasil desta forma...

20/04/12 19:07:18 ago

Like Comment Share

likes this.

Fonte: <<http://migre.me/iSUnA>>.

Tais diferenças entre acontecimentos que ocorreram no mesmo dia, hora e trajeto, reforçam a ideia de que não

é somente sua performance, mas também as conexões que o estabelecem como campo problemático, que definem o acontecimento.

○ O peso das conexões no estabelecimento do campo problemático em relação à robustez de sua performance também pode ser observado em dois outros eventos: “O Gigante vai Abraçar o Mineirão” e o “Flores e velas BH”, convocado a partir das interações no “#VemPraRuabH”. Os dois têm em comum o reduzido número de convidados e o fato de não se efetivarem nas ruas, mas observando suas conexões, pode-se dizer que o segundo configura um *acontecimento em rede*, enquanto o primeiro constitui uma espécie de *não acontecimento*.

“O Gigante Vai Abraçar o Mineirão” foi criado pela comunidade Novo Povo Brasileiro, autodescrita como sendo “para aqueles que já viram esse filme e querem fazer diferente desta vez”. A imagem de capa, assim como no “#VemPraRuabH”, explora as cores verde e amarelo sobre um fundo preto. Evento e página que o agendou foram criados no mesmo dia.

Chama atenção o fato de que no momento da criação do evento não fica clara sua intenção. Abraçar o Mineirão pra quê? O primeiro *post* é extremamente ambíguo, podendo ser interpretado tanto como um questionamento à FIFA como um apoio a ela. Trata-se de uma cópia de uma página do *site* da FIFA, na qual a federação discursa sobre sua responsabilidade social. O *post* destaca o seguinte trecho da página: “Realizando a missão de ‘construir um futuro melhor’, a FIFA busca liderar pelo exemplo e direcionar a força do futebol e a influência que possui sobre o esporte e sobre os seus parceiros para produzir mudanças positivas na sociedade e no meio ambiente”. Em seguida, a frase “FIFA, estamos alinhados”, interfere na conformação de sentido, pois tanto pode se referir a questionamento à

entidade internacional quanto a apoio. Nos dois *posts* seguintes, a luta contra as PECs 33 e 37 aparece relacionada à motivação do protesto.

O evento estava morto nas ruas, antes mesmo de ser programado, conforme apontado por uma internauta em comentário no *post* de convocação:

Figura 7 – Internauta aponta impossibilidade de realização do evento “O Gigante vai abraçar o Mineirão”

Gente, só um adendo: A Fila não permite manifestação no entorno dos estádios, vocês não estão entendendo? Num raio de 2 km não poder manifestação, nem com cartaz!
 Dúvida? Lê aqui:
<http://www.oi tempo.com.br/cmlink/hotspots/copa-das-confedera%C3%A7%C3%B5es/protesto-causa-tens%C3%A3o-entre-seguran%C3%A7as-da-fila-e-jornalistas-no-mineir%C3%A3o-1.668952>
 June 22 at 10:13pm · Like

As pessoas que comprarem os ingressos conseguem dar as mãos naturalmente!
 June 22 at 10:37pm · Like

Fonte: <<http://migre.me/ISU4t>>.

O evento não se efetiva nas ruas, mas antes disso já não configurava um acontecimento justamente em função da inexistência de uma rede ao seu redor. No total, foram apenas nove *posts*, todos de autoria do próprio propositador do evento, que juntos reuniram apenas 10 comentários e 21 curtidas, sem nenhum compartilhamento. Não há discussão como as desenvolvidas no “5º Grande Ato” e em “#VemPraRuabH”. Não há sequer comentários ao último *post*, que sepulta de vez o evento ao anunciar o cancelamento da ideia do abraço, supostamente “segundo decisão da maioria dos movimentos de protesto programados para hoje na cidade”.

O não acontecimento, portanto, diz respeito não simplesmente à ausência da contráfase nas ruas, mas fundamentalmente à ausência de conexões que o modelam em

rede. O evento “Flores e Velas BH”, marcado para as 18 horas do dia 28 de junho, por exemplo, não se efetivou significativamente nas ruas, mas constituiu movimento expressivo em conexões midiáticas. Era para ser uma homenagem silenciosa a Douglas Souza, contrastando com a balbúrdia da Praça Sete em horário de pico de uma sexta-feira. Foram 5.192 convidados, dos quais 173 confirmaram presença. Menos de 10 efetivamente seguiram à Praça Sete, onde a homenagem quase passou despercebida, segundo relatos dos próprios internautas.

Mas, diferentemente do ocorrido no exemplo anterior, pode-se sustentar que as conexões fizeram o evento acontecer. Usuários do Facebook começaram a questionar se nada seria feito para lembrar a morte do jovem metalúrgico tão logo a sua morte foi confirmada, ainda na manhã do dia 27. As manifestações foram postadas tanto em páginas pessoais quanto nos eventos “5º Grande Ato” e “#VemPraRuabH”, no qual às 13h52 o internauta Clayson Martins faz a seguinte proposição: “Devíamos dar um tempo. Em respeito ao jovem que faleceu”. Os 57 comentários que esse *post* recebeu impressionam nem tanto pelo número, mas pelo fato de serem todos com mais de duas linhas, algo raro em um universo em que as conversações muitas vezes não passam de postagens de *emojicons*,²⁹ evidenciando que a provocação despertou reações apaixonadas. Nos instantes seguintes, usuários dos dois eventos fazem comentários com sugestões de criação do evento, até que o “Flores e Velas BH” é criado a partir da página “#VemPraRuabH”.

²⁹ *Emojicon* é palavra derivada da junção dos termos (em inglês) *emotion* (emoção) e *icon* (ícone). É uma forma de comunicação paralingüística realizada a partir de caracteres tipográficos em sequência que ilustram uma expressão facial – tais como: :) , ^_^ e :(– ou ícones ilustrativos – tais como J ou L. O objetivo é traduzir o estado psicológico ou emotivo de quem os emprega (<<http://1s.gd/Dr58oj>>).

Na página do “Flores e Velas BH”, embora tenham sido apenas 20 posts, foram 18 diferentes autores, evidenciando a horizontalidade do evento. A postagem das fotos da homenagem penetra os eventos “5º Grande Ato” e “#VemPraRuaBH”, além de ganhar outros espaços, como a página do BH Nas Ruas.³⁰ A ação, portanto, faz agir, gera diferenças e deixa rastros, condições caras a perspectiva do acontecimento em rede tal como aqui postulado. Essa persão em conexões de mídias digitais evidencia a potência do acontecimento, mesmo que sua contraface nas ruas seja frágil. E, conseqüentemente, evidencia a força política do acontecimento por meio da visibilidade que o enunciado reticular alcança no *dispositivo protesto*.

A potência política dos acontecimentos em rede

No dispositivo foucaultiano, a dimensão política aparece, como curvas de visibilidade e de enunciação, na relação de poder explícita no desequilíbrio das linhas que o atravessam. Trata-se de uma concepção política voltada para a vida cotidiana, inserida no corpo social (FOUCAULT, 1998). Abordar os acontecimentos que atravessaram o *dispositivo protesto* por esse prisma implica em desvelar a meada de linhas que os constituíram. Essa não é uma tarefa fácil, já que os acontecimentos se apresentam sobrepostos, enredados uns aos outros. “O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem, reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros” (FOUCAULT, 1998, p. 5). Trata-se, de acordo com Foucault

(1998), de fazer a genealogia³¹ das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas.

Em uma discussão acerca do dispositivo foucaultiano, Certeau (2007) reserva lugar privilegiado às táticas, como práticas ordinárias, no rearranjo das relações de força. Segundo ele as táticas se conformam por movimentos de astúcia baseados no exercício de cálculos provisórios, enquanto as estratégias se referem ao “cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (CERTEAU, 2007, p. 99).

Algumas decisões tomadas nas ruas pelos manifestantes, como registro de imagens colocadas em circulação nas mídias sociais, em tempo real, alteraram taticamente o rumo das passeatas. Constituíram, assim, curvas de visibilidade e de enunciação no *dispositivo protesto*. Táticas acionadas pelos manifestantes não significam, porém, homogeneidade de ações, nem sequer consenso. E é justamente esse caráter provisório e disruptivo das táticas que as tornam essenciais na dinâmica de forças que conforma a dimensão política do *dispositivo protesto*.

Alguns eventos do Facebook, como instâncias mediadoras dos protestos nas ruas, configuraram, por sua vez, espécies de linhas de força no *dispositivo protesto*. É exemplo disso o evento “5º Grande Ato”, que, devido à centralidade que ocupou entre os eventos que mediaram os protestos em Belo Horizonte, orientou e organizou estrategicamente a atuação coletiva. Essa centralidade esteve diretamente relacionada à visibilidade que alcançou nas conexões de mídias

³⁰ Cobertura colaborativa dos protestos deflagrada por estudantes de Comunicação. Com o mote “A revolução será filmada por você. #bhnastras”, pode ser conferida em <<http://www.facebook.com/BHnasRuas>>.

³¹ “É isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios do objeto, etc.” (FOUCAULT, 1998, p. 7).

digitais por meio dos enunciados que o atravessaram. Ao convocar manifestações, guiar comportamentos e pautar discussões, encadeando ações coletivamente construídas, esse evento orientou relações e práticas sociais organizadas conforme a lógica reticular das conexões. Interferiu, desse modo, nas relações de poder que modelaram o *dispositivo protesto*, uma vez que “a visibilidade de algum modo ‘precodifica’ as posições a serem assumidas por aqueles a quem se destina o suposto jogo livre da política” (SODRÉ, 2006, p. 129).

Rancière (2005) relaciona a condição de visibilidade, por meio da linguagem, à emergência do fato político: a linguagem que dá a ver, causando um litúgio. É o caso do evento criado em consequência da morte de Douglas Henrique de Oliveira Souza ou mesmo do vídeo que registra esse episódio. Conforme Rancière (1996, p. 16), a política “ocupa-se do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo”.

No episódio em questão, a enunciação e a visibilidade articuladas em rede pelos próprios manifestantes alteraram a relação de forças no *dispositivo protesto*. Os manifestantes relataram e compartilharam o acontecimento em temporalidade diferida, isto é, combinando a urgência do tempo real (lógica da oferta) e a necessidade individual da busca no banco de dados (lógica da demanda). Desse modo, não apenas participaram da configuração reticular do acontecimento, como também lhe conferiram relevância política ao delinarem seus contornos em curvas de enunciação e de visibilidade variadas no *dispositivo protesto*.

A política, como se observa nesse episódio, corresponde à atuação integrada de agentes em movimento, daí a relevância das táticas no reposicionamento do dispositivo. Do contrário, na visão de Latour (2008), o grupo se transforma

em agregados de elementos fixos, aos quais é impossível o exercício da autonomia ou liberdade. O *dispositivo protesto* recusa agrupamentos de elementos fixos, pois se constitui de elementos *em movimento*. É essa perspectiva que faz dos acontecimentos em rede, que permearam o *dispositivo protesto*, uma forma política altamente relevante, ainda que instável e provisória.

Considerações finais

Os protestos brasileiros de junho de 2013, aqui observados como dispositivo agenciado na interface entre rua e mídias sociais, em especial o Facebook, constituíram-se de acontecimentos em rede regidos pela cultura da convergência, que integra mídias tradicionais e mídias sociais por meio da lógica das conexões. Tais acontecimentos, que podem ser observados por suas peculiaridades de registro e de circulação, delinearão curvas de visibilidade e de enunciação no *dispositivo protesto*, alterando certas condições de poder, saber e subjetivação que atravessam a sociedade contemporânea.

É o que se observa nos acontecimentos em rede relacionados aos eventos do Facebook aqui analisados. Como instâncias mediadoras dos protestos, os eventos do Facebook cumpriram a função de agenciar os acontecimentos em análise — inclusive aqueles aqui identificados como *não acontecimentos* por não se tecerem no movimento das conexões *on e offline*. Quanto mais os acontecimentos em rede se espraiavam em conexões de mídias digitais, fortalecendo as instâncias mediadoras que os deflagrou, mais alcançavam visibilidade e, portanto, mais relevância política conquistavam.

Por causa disso, os acontecimentos em rede não podem ser compreendidos deslocados da dimensão política que os diferencia, sendo esta igualmente compreendida na perspectiva do movimento reticular das conexões que a agenciam.

Trata-se de uma dimensão política mais lúdica que racional e, justamente por isso, precisa ser compreendida em relação às dimensões estéticas, sociais e culturais que permeiam o agenciamento reticular do *dispositivo protesto*. É, portanto, por meio de táticas relacionadas à cultura remix, à prática colaborativa e à temporalidade diferida que permitem a atual cultura da convergência que buscamos compreender a dimensão política dos acontecimentos aqui analisados.

Referências

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? *Outra travessia*, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, 2005.
- CARLÓN, M. *Sobre lo televisivo: dispositivos, discursos y sujetos*. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2007. v. 1: Artes de fazer.
- DELEUZE, G. Que é um dispositivo? In: BALBIER, E. et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161.
- DELEUZE, G. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1-2: Gilles Deleuze, Félix Guattari.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.
- FOUCAULT, M. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política de identidade. *Verve*, n. 5, p. 260-277, 2004. Disponível em: <http://is.gd/zw6b7X>. Acesso em: 16 mar. 2014.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GÓMEZ, G. O. Comunicação social e mudanças tecnológicas: mutações e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 81-98.
- HENNI, R. Acontecimento em rede: crises e processos. In: LEAL, B.; ANTUNES, E.; VAZ, P. B. (Orgs.). *Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos*. Florianópolis: Insular, 2011.
- HENNI, R. Aparentamentos sobre o ciberacontecimento: o caso Amanda Toold. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 22., 4-7 jun. 2013, Salvador. *Anais...* Disponível em: <http://is.gd/HGFAZt>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- HJARRARD, S. *Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. *Matrizes*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, jan.-jun. 2012.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. *Spreadable Media: Creating Value and Meaning in a Networked Culture*. New York: New York University Press, 2013.
- LATOUR, B. E se fálássemos um pouco de política? *Politix*, Paris, n. 58, 2002.
- LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afóra*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Ed. Unesp, 1987.
- MANOVICH, L. *Remixability*. 2005. Disponível em: <http://is.gd/3n6mHu>. Acesso em: 10 fev. 2009.
- QUÉRÉ, L. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Tríjectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental/Editora 34, 2005.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2009.
- SCOLARI, C. *Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación interactiva*. Barcelona: Gedisa, 2008.
- SODRÉ, M. *As estratégias sensíveis*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- TRACQUINA, N. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005. v. 2: A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional.
- WEISSBERG, J.-L. Paradoxos da teleinformática. In: PARENTE, A. (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 113-141.
- ZAGO, G. A participação dos integrantes nos sites de redes sociais como uma dimensão do acontecimento jornalístico. *Intexto*, Porto Alegre, n. 28, p. 156-170, jul. 2013.